

MORRESTE-ME: UMA LEITURA RELACIONAL/SISTÉMICA DA OBRA DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO PARA UM ENCONTRO ENTRE A PSICOLOGIA E A ARTE

Projecto de investigação desenvolvido no âmbito da disciplina de
Seminário II, referente ao 3º ano da licenciatura em Psicologia

(2008)

Liliana Trigueiros

Licenciada em psicologia.

Aluna do mestrado em Psicologia da Justiça e do Comportamento Desviante
(Universidade Católica Portuguesa, Porto, Portugal)

Contactos:

lytrigueiros@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho de investigação tem como principal objectivo a reinterpretação da obra literária, *Morreste-me* sob o ponto de vista da terapia familiar sistémica/relacional.

Assim, a nossa exposição interliga a história narrada com os fenómenos psicológicos a esta associados - o livro descreve a dor sentida pelo filho perante a doença e posterior morte do pai.

Com efeito, inicialmente abordamos a construção da identidade, tendo em vista a pertinência das relações primordiais para o processo de individuação, assim como a relevância que a apreensão de um sistema relacional fechado poderá ter neste sentido. Posteriormente, hipotizamos a influência da presença paterna nos percursos de vida adoptados pelo narrador, tendo em vista por inerência, as consequências ao nível emocional que a vivência da doença e da morte do pai podem ter.

Todavia, a arte, neste caso a literatura, poderá constituir um momento purificador de libertação para o escritor constituindo, por isso, a última parte do nosso trabalho.

Palavras-chave: Doença, morte, indiferenciação, catarse

INTRODUÇÃO

Partindo da obra literária *Morreste-me* de José Luís Peixoto, o nosso trabalho de investigação tem como principal ambição a realização de uma simbiose entre a psicologia e a arte. Neste sentido, a escolha deste tema será devida a uma forte crença de que a terapia familiar e a arte se poderão encontrar, tanto ao nível interventivo (na abordagem ao paciente através da escultura, da metáfora, do jogo) como num plano mais profundo, relacionado com o crescimento interior do indivíduo e o seu auto-conhecimento, pensando por exemplo, no efeito catártico, experienciado durante o processo criativo.

Assim, com esta investigação pretendemos reinterpretar a obra mencionada, tendo como premissa a teoria familiar sistémica/relacional.

Com efeito, a obra literária eleita relata a dolorosa vivência da doença e posterior morte do pai, sentida pelo seu filho, no momento do seu regresso a casa, sendo este momento em si, também um retorno à sua infância e origens.

Desta feita, o processo de individuação, a construção da identidade e a real influência paterna neste contexto, constituem as temáticas fundamentais na primeira parte do nosso trabalho, tendo como objectivos primordiais responder a questões como: o que é ser pessoa? (relativamente à construção da identidade), contudo, conseqüentemente, daremos também espaço à hipotização da relevância das relações primordiais no processo de individuação, questionando o facto de se a mãe é, usualmente, a figura central na hierarquia vinculativa, então qual será o papel do pai? E tendo em conta que a relação estabelecida com a mãe terá influência nas vinculações posteriores, será que a relação pai-filho é afectada pela vinculação existente entre a mãe e o filho?

Todavia, já referimos anteriormente que estas questões estão intimamente relacionadas com a indiferenciação, e esta por sua vez, com a existência de um sistema fechado.

Daqui depende-se a necessidade de evocarmos Murray Bowen e a sua escala de diferenciação. Neste sentido, basicamente esta escala surge da ideia de que as pessoas são todas diferentes e por inerência, é passível classificá-las de acordo com essas distinções. (Bowen, 1976)

Assim, “ no extremo inferior da escala colocam-se as pessoas com os níveis mínimos de diferenciação ou indiferenciação. O extremo superior está reservado a um nível teórico de total diferenciação. Em cada nível da escala, as pessoas têm estilos diferentes que se podem especificar em função da posição que adoptam relativamente ao intelecto e às emoções.” (Bowen, 1976: 71)

Com efeito, Bowen (1976) diz-nos que as pessoas situadas no extremo inferior, embora possam levar uma vida aparentemente normal, no fundo são altamente dependentes, têm dificuldades de adaptação perante as adversidades do ciclo de vida e têm uma maior vulnerabilidade perante as patologias. Por outro lado, as pessoas que se encontram no extremo oposto são, na sua maioria, mais adaptadas e têm uma melhor reacção aos problemas do dia-a-dia. (Bowen, 1976)

Desta feita, o relacionamento interpessoal está interligado com este nível de diferenciação, dando, por sua vez, origem aos triângulos familiares, sendo que a existência dos mesmos, muitas vezes, só é perceptível em momentos de maior tensão. (Bowen, 1976)

Daqui depreendemos que, a presença de um sistema fechado/ aberto está intimamente relacionada com os níveis de diferenciação e com as dinâmicas relacionais existentes nos triângulos familiares.

Ora, estas formas de comunicação e de reacção poderão perpetuar-se a um nível intergeracional, como se de um mito se tratasse, sendo que os percursos de vida dos membros do sistema, podem ficar comprometidos pelo nível de diferenciação.

Assim, é nosso propósito ao longo do trabalho de investigação, compreender todas estas dinâmicas familiares, assim como apresentar alternativas ou formas de interrupção destes quadros, favorecendo os níveis de diferenciação e autonomia entre os membros, interligando estes elementos com a adaptação à perda (morte do pai) e com o possível efeito catártico que a arte poderá produzir.

A construção da identidade

Partindo da hipótese que a construção da pessoa é fortemente influenciada pelas suas relações primordiais, sendo estas desenvolvidas normalmente com os seus pais, pensamos que a primeira secção deveria ser sustentada, numa primeira parte, sobre o que é ser pessoa e posteriormente, dedicaremos um espaço às trajectórias possíveis no que concerne ao sistema relacional e estilos vinculativos entre os pais e filhos.

Com efeito, a pessoa, como a esboça Xosé Domínguez Prieto, (2002) é uma estátua, assim recebemos o material em bruto e temos que o moldar; mas como será construída essa “escultura”?

Em primeiro lugar, o homem deve ter noção que a sua pessoa é o resultado da forma como esculpiu a estátua. Por outro lado, deverá ter em consideração que o homem é o que um dia quis ser ou pôde ser (Prieto,2002). Esta frase pode, a princípio, parecer um pouco conformista; todavia, o homem não é só virtude, capacidade e actividade. O homem, na sua condição mundana, corpórea, tem as suas limitações, sendo a principal, a morte. Contudo, a morte não deve ser vista como uma ponte para a angústia, para o desânimo. Devemos encarar a morte como

algo que nos leva a viver o dia-a-dia de uma forma ainda mais forte e entusiasmante, porque cada sorriso será único e irrepetível.

Desta feita, e mais uma vez invocando as palavras de Prieto, (2002) a pessoa deverá atrever-se a esculpir a sua própria estátua, não se corrompendo.

Assim, a estátua é o reflexo da nossa identidade. Por sua vez, a identidade da pessoa, o que é ser pessoa, manifesta-se através de todas as capacidades físicas e intelectuais, nomeadamente, através da arte, da moral, afectividade e , até mesmo, através das capacidades fisiológicas, etc. (Prieto, 2002)

A pessoa. A coisa. Serão o mesmo?

Não. A pessoa é justamente tudo aquilo que não é coisa. Nós somos um quem, a coisa é um quê. A coisa é algo concretizado, tem um fim. A pessoa é algo inacabado, que nunca será um meio para atingir um fim, ou seja, a pessoa é um fim em si mesma. Com efeito, Taylor (cit in Raguso, *no prelo*: 3), diz-nos que “ o ser humano é um ser que se auto-interpreta, um ser de reflexão, que orienta e que constrói a sua própria vida a partir de um mapa de distinções qualitativas nunca acabado e nunca totalmente fixo, mas em constante crescimento, como em constante desenvolvimento é também a sua própria existência”.

Assim, a coisa poderá ser chamada, mas a pessoa não, pois esta está, continuamente, a construir a sua estátua. A construir a sua realidade. Daí que a pessoa se revele a cada instante. (Prieto, 2002)

E se numa primeira abordagem, poderemos pensar que está condicionada à sua história, é esta que a faz pessoa. A história é determinada pela pessoa mas também pelo outro. Aliás, o outro é o que impulsiona a pessoa a ser pessoa. Neste sentido, a pessoa é diálogo, eu/tu, isto é, é um ser comunitário. Dessa forma, a pessoa é um autêntico paradoxo! Se por um lado, é um ser absoluto, necessita das outras pessoas (Prieto, 2002). E deste paradoxo, nasce o conflito que vigora, incessantemente, no homem.

Sim, a pessoa é diálogo; mas, como é que a pessoa encontra o outro? Como é que se constrói o diálogo?

O rosto. O rosto é que torna a pessoa no mistério da existência humana. É o que se mostra nu ao outro. É o que demonstra a nossa fragilidade e a nossa súplica perante o outro. Do encontro, da percepção do rosto provém a quebra com o mundo objectivado. O rosto é o reflexo da alma e espírito. Desta feita, o encontro é a sobreposição da alma, do sobrenatural, em relação à matéria. (Levinas, 1988)

Com efeito, a primeira relação do ser humano será construída entre este e os seus pais, sendo que a mãe apresenta aqui um lugar de destaque, tendo em vista o seu contacto com o filho mesmo antes nascimento.

Assim, o ser humano desde o momento da sua concepção é um ser frágil que necessita de protecção e amparo e por isso inspira cuidados e cuidadores, para que possa crescer e desenvolver-se saudavelmente. Assim, Bowlby formulou a teoria da vinculação, onde a definiu como um processo relacional que se inicia durante a formação do feto.

Normalmente, a mãe é a figura vinculativa principal, sendo que a relação estabelecida com esta irá influenciar todas as futuras vinculações criando assim, um modelo interno para toda a vida. (Bowlby, J.1988)

Outro aspecto a salientar relativamente à vinculação segura, será ao nível do domínio interpessoal, as pessoas seguras tendem a ser mais pacientes, estáveis e com relações íntimas satisfatórias e no domínio intrapessoal tendem a ser mais positivas, integradas com perspectivas coerentes de si mesmo. (Bowlby, J.1988)

Tendo em consideração as afirmações anteriores, se a mãe é, usualmente, a figura central na hierarquia vinculativa, então qual será o papel do pai?

Considerando que a relação estabelecida com a mãe terá influência nas vinculações posteriores, será que a relação pai-filho é afectada pela vinculação existente entre a mãe e o filho?

Para de alguma forma responder a estas questões, irei descrever três modelos que Andolfi esboçou, na tentativa de clarificar quanto às possíveis trajectórias relacionais que a relação pai-filho poderá adquirir.

Assim, de acordo com Andolfi (2001), a relação pai-filho, durante o período da primeira infância, tem um carácter maioritariamente educativo e lúdico, sendo que a dimensão alimentar e de prestação de cuidados, ficará reservada à mãe. No entanto, desta forma, o pai “contemporâneo” experimenta uma nova maneira de vivenciar a sua paternidade, não demonstrando porém, um carácter competitivo ou imitativo perante a mãe.

Não obstante, a relação pai-filho poderá assumir várias formas, sendo possível que esta diversidade esteja condicionada pelo estilo vinculativo da mãe. Neste sentido, Andolfi (2001), apresenta-nos alguns modelos explicativos: a vinculação como modelo de causalidade linear; a vinculação da mãe como factor de risco; o pai como factor de transformação na vinculação infantil – modelo compensatório e o modelo de mecanismo protector.

Desta feita, no que concerne ao primeiro modelo, Andolfi preconiza que “o comportamento da mãe durante o primeiro ano de vida da criança, influenciará a qualidade do legado vinculativo, e que será a partir desta primeira experiência que derivam os modelos mentais do self.” (Andolfi, M. 2002: 42)

Assim, a partir deste trecho da obra *Il Padre ritrovato*, poderemos intuir a formulação do segundo modelo, ou seja, a qualidade da relação mãe-filho poderá ter efeitos stressores na

criança, o que levará à ineficácia desta relação no se refere às dimensões protectoras e de conforto. (Andolfi, 2002)

Tendo em vista as premissas anteriores, qual será o papel do pai neste contexto?

A figura paterna, nestas situações poderá desenvolver um carácter compensatório, fazendo alusão à terceira teoria de Andolfi. Neste âmbito, o autor afirma que, se a mãe possuir um traço de personalidade inseguro, e pelo contrário o pai for uma bastante segura, então a figura paterna passará a ser a imagem de excelência ao nível vincutivo, compensando a “pobreza” da relação com a mãe. (Andolfi, M. 2002: 46)

Contudo, o pai, no contexto de uma relação insegura ou considerada de risco entre mãe-filho, poderá também assumir um mecanismo protector. Neste sentido, esta variante do terceiro modelo que Andolfi nos apresenta, demonstra uma dialéctica circular nos meandros do sistema relacional.

Assim, se o pai possuir uma vinculação segura, contrapondo com a da sua mulher, este poderá inserir o seu modelo relacional na nova família, fazendo com que a criança não seja penalizada pela vinculação insegura da mãe, por um lado, e por outro potencializando a sua relação conjugal. (Andolfi, 2002)

A partir dos modelos atrás mencionados, pensamos que ficou bem patente a importância da vinculação, no que concerne aos modelos adquiridos na infância e que mais tarde se poderão repercutir na nossa imagem de mãe/pai. Todavia, coloca-se a questão: o nosso tipo de vinculação estará interligado com o sistema existente no núcleo familiar? Ou por outras palavras, até que ponto o nosso nível de diferenciação está relacionado com o tipo de sistema (aberto/ fechado) apreendidos na nossa família de origem?

O filho como um prolongamento do pai

Após a abordagem sobre a construção da identidade e à cerca das possíveis trajectórias que a relação pai-filho poderá assumir, debruçar-nos-emos, nesta secção, sobre o impacto da figura paterna no desenvolvimento relacional do indivíduo, relacionando com o tipo de sistema existente no núcleo familiar. Neste sentido, consideramos a esfera relacional da família de origem do narrador como um sistema fechado, isto é, a relação vivenciada entre os membros da família nuclear apresenta grandes défices comunicacionais, sendo que o contacto entre eles não é razoável. (Bowen, 1976)

Assim, este tipo de sistema relacional potencializou a existência de grandes níveis de ansiedade, que por sua vez levou a um elevado grau de indiferenciação perante o pai, evidenciado ao longo de todo o livro, como podemos constatar na seguinte passagem “estes braços são os seus, estes braços são os seus, pai” (Peixoto, 2004: 34), demarcando-se, desta

forma, a vontade do narrador em prolongar a presença do pai através do seu próprio percurso de vida.

Não obstante, se é certo que um sistema fechado, ao nível relacional, provocará no seio familiar maiores níveis de ansiedade, teremos que ter em atenção o facto de existirem “amplas variações quanto à frequência e qualidade das relações e quanto ao 'fechamento' e 'abertura.’”(Bowen, 1976). Contudo “um sistema aberto, embora não aumente a diferenciação na família, reduz a ansiedade, e um nível de ansiedade sempre baixo permite aos membros da família que se sintam motivados a mover-se para uma maior diferenciação.” (Bowen, 1976: 75)

Outro dado importante, neste contexto, é o facto de a investigação clínica nos revelar que nestas famílias é bastante comum o afastamento, quase total, por parte do filho/a em relação à sua família de origem, sendo que as poucas visitas terão sempre um carácter superficial. (Bowen, 1976). Criando uma ponte com a obra *Morreste-me*, o narrador, se por um lado vive longe da sua família de origem e o regresso a casa é um retorno à sua infância (ou seja, está bem patente aqui a muralha existente entre a sua vida presente e a sua família de origem), por outro confunde a sua própria identidade com a do seu pai. Poderemos hipotizar então que os grandes níveis de ansiedade levaram ao distanciamento real do narrador perante a sua família de origem, como se fosse uma fuga. A indiferenciação sentida em relação ao seu pai provocou, por sua vez, a necessidade do seu regresso a casa, sendo o afastamento real, esse sim, meramente superficial.

Assim, poderemos concluir que a identidade do indivíduo está intimamente relacionada com o grau de diferenciação perante a família de origem, neste caso em relação ao pai. Por sua vez, esta diferenciação está interligada com os níveis de ansiedade, que em grande parte influenciarão a forma como a pessoa irá fazer as suas escolhas, como se moverá do ponto de vista relacional na construção da sua própria família, enfim, como irá delinear o seu percurso no universo afectivo.

Mas poderemos então traçar algumas hipóteses relativamente à escolha da parceira/o e futura percepção do narrador no que concerne ao matrimónio e paternidade? Pensamos que sim, tendo sempre em atenção as considerações anteriores e o facto de que a morte do seu pai se deu aquando do seu processo de desvinculação da família de origem, sendo que este momento do desenvolvimento do indivíduo está relacionado com a mudança de papéis na família e a posterior diminuição na assimetria na relação pais-filhos. (Andolfi, 2000).

Segundo Murray Bowen(Bowen,1976:70), “o grau de apego emocional perante os pais não resolvido, determina o grau de apego de cada pai à sua família de origem, o modo como os respectivos pais terão interferido no matrimónio dos seus filhos, o grau de ansiedade durante os momentos críticos da sua vida e o modo como os pais terão confrontado essa ansiedade.” Consequentemente, Bowen afirma que “o grau de apego emocional não resolvido equivale ao grau de indiferenciação” (Bowen,1976:72), e, por inerência, as principais formas de combate à ansiedade para as pessoas provenientes de famílias com uma esfera relacional de cariz fechado

são, para este autor, de dois tipos: mecanismos internos e a distância física.

Desta forma, estipulando uma interligação com a história da obra literária, a escrita poderá ser para o autor, tendo em conta o facto de se tratar de um livro autobiográfico, um mecanismo interno, uma forma de catarse nos momentos de maior ansiedade, enquanto que a distância física relativamente à família de origem, poderá simbolizar um escape, uma negação, ou até um corte emocional com a sua família de origem, como consequência da indiferenciação sentida pelo narrador em relação ao seu pai.

Assim, tornar-se-á importante indagar sobre o que é afinal o corte emotivo e as suas reais consequências no plano afectivo e na vida de uma pessoa.

Nestes meandros, Andolfi alerta-nos para o facto de que o corte emotivo “ indica aquela separação física ou emotiva, prematura ou traumática de uma pessoa, dos vínculos e dos afectos familiares” e “pode produzir detenções evolutivas e sentimentos de carência afectiva na idade adulta, que se repercutem não apenas no indivíduo, mas também pode converter-se numa fonte de doença e mal-estar, ao nível das relações de casal e entre pais e filhos”. (Andolfi,1988: 72) Contudo, este termo começou por ser desenvolvido por Murray Bowen, o qual defendeu que “o termo corte emocional indica a distância emocional”, embora “o tipo de mecanismo posto em prática para adquirir a distância emocional não é indicativo da intensidade do grau de apego emocional não resolvido”,(Bowen,1976:73) sendo estas protecções apenas formas ilusórias e superficiais de alcançar a independência.

Por outro lado, Bowen (1976) preconiza que “quanto mais definido é o corte com os pais, mais previsível é que repita o mesmo modelo com as relações futuras: pode ter uma excelente relação no matrimónio, em certo momento parece-lhe ideal e permanente, mas o modelo da distância física faz parte da sua personalidade.”

Então poderemos equacionar que num período de maior tensão/ ansiedade, durante o matrimónio, o narrador poderá seguir o mesmo modelo que escolheu aquando da sua desvinculação com a família de origem? E, continuando na linha de Bowen, as pessoas que criam um corte emotivo com as suas respectivas famílias de origem, normalmente, tentam encontrar “famílias substitutas” quase como se tentassem trocar o mau pelo bem, negando o seu passado. Mas, até quando conseguirão sustentar essa fuga constante? Não será o regresso do narrador a casa, no momento da morte de seu pai, o símbolo da reconciliação com o seu passado? E, se a nossa hipótese estiver correcta, até que ponto o modelo apreendido durante o processo de desvinculação não se poderá inverter nas suas relações futuras?

Ainda no que concerne à identidade do indivíduo e por inerência, ao seu grau de indiferenciação perante a família de origem, haverá um outro aspecto a considerar: a nossa alusão à indiferenciação sentida pelo narrador relativamente ao seu pai deve-se, em grande parte, como já foi anteriormente referido, ao seu desejo do prolongamento do pai através da sua própria conduta.

Contudo, a ideia de que o filho (mais velho e homem) deverá dar continuidade à obra do pai está ainda, em Portugal, culturalmente enraizada, sobretudo nas zonas mais rurais e do interior (o autor é natural de Galveias, vila pertencente ao Alto-Alentejo). Poderemos, nesse sentido, hipotizar a existência de um mito familiar explicativo deste sentimento do narrador?

Se por um lado será redutor afirmar que este sentimento confusional, no que concerne à identidade do narrador, é devido exclusivamente à presença do mito (uma vez que devemos ter também em consideração as dimensões anteriormente mencionadas), por outro, parece-nos evidente a sua grande influência, sendo por isso pertinente debruçarmo-nos sobre a teoria de Andolfi referente a esta temática.

Assim, segundo este autor, “o mito é um elemento de coesão e matriz de conhecimento”. (Andolfi, 1988: 67)

Desta feita, o mito será relevante no sentido em que através dele as gerações mais novas recebem informações, mesmo que de forma simbólica (a partir dos hábitos da família, das histórias mais antigas, reportando a pessoa a um leque enorme de comunicações verbais e não verbais, ainda que sempre redundantes), sobre a forma como os seus comportamentos deverão ser conduzidos. (Andolfi, 1988) No que concerne a tais comportamentos, estes englobam os acontecimentos mais preponderantes, como o nascimento ou morte de um dos membros da família, assim como ao nível do exercício dos papéis - como ser mãe, irmão mais velho, etc.(Andolfi, 1988:68). Daqui depreende-se então uma continuidade histórica e evolutiva, pois haverá em simultâneo a repetição dos modelos apreendidos no passado em contraposição com os novos significados e esferas relacionais que se foram desenvolvendo ao longo do tempo. (Andolfi, 1988) Neste sentido, segundo Andolfi, a forma como a pessoa encara os momentos críticos experienciados ao longo do seu ciclo de vida é profundamente influenciada pelas expectativas, regras e esquemas relacionais herdados, apreendidos na família de origem, sendo que poderá ficar aprisionada a vínculos demasiado rígidos. (Andolfi,1988).

Por conseguinte, nos triângulos familiares bastante fechados, os membros situados nos pólos descritos no *continuum de Bowen*, têm papéis completamente determinados, não

havendo desta forma espaço para o desenvolvimento da sua personalidade (diferenciação perante a família de origem), o que fará com que seja inexistente a possibilidade de mudança e novidade no que concerne às respostas do sistema. (Andolfi, 1988)

Então poderemos concluir que a existência do mito familiar influenciará a forma como a pessoa delineará o seu processo de individuação e, neste caso, como olhará para a vivência da doença do pai e a sua posterior perda?

Pensamos que sim, tendo em vista as reflexões anteriores. Isto é, a presença do mito poderá condicionar o desenvolvimento da personalidade e o processo de individuação. Doutro modo, hipotizamos que a presença do mito em relação ao papel do filho mais velho perante morte do pai e os papéis familiares adjacentes a essa perda, influenciarão as escolhas ao longo do ciclo de vida

do filho.

A doença e a morte na família

Tendo em vista a nossa hipótese inicial no que concerne ao tipo de sistema relacional existente na família da obra *Morreste-me*, como será então experienciada a doença e posterior morte de um membro primordial (o pai), considerando que se trata de um sistema fechado?

Esta será a principal questão a que procuraremos responder ao longo deste capítulo.

Assim, de acordo com Bowen, as famílias serão caracterizadas como sistemas abertos ou fechados, sendo que esta designação influenciará em grande medida, a forma como a família irá vivenciar a experiência de doença e morte. (Bowen, M. 1979 :157)

Desta feita, como já mencionámos anteriormente, a família descrita na obra *Morreste-me* trata-se, na nossa perspectiva, de um sistema fechado, sendo que “o sistema de comunicação fechado é um reflexo emocional automático que o protege a si mesmo da ansiedade de outra pessoa, embora muitas pessoas evitem os temas tabu para não magoar outras pessoas” (Bowen, M. 1979 :157), o que se relaciona com a afirmação de Peixoto: “menti-te. Disse aquilo em que não acreditava. Ao olhar amarelo, ofegante, disse que tudo seríamos e seríamos de novo”. (Peixoto, J. 2004: 8)

Continuando na senda da obra *Morreste-me*, o pai do narrador é portador de uma doença terminal (cancro): “Pai (...) aguentavas as dores para estares minutos connosco,

(...) e nós a vermos o sangue alastrar-te nas calças e no casaco do pijama. Pai que nunca te vi tão vulnerável, olhar de menino assustado perdido a pedir ajuda. Pai, meu pequeno filho.” (Peixoto, J.2004 : 23); nesta passagem, o narrador descreve a fragilidade do seu pai, o seu estado moribundo e a súplica de apoio neste momento tão delicado, tão perto do fim. Mas, haveria abertura suficiente para este diálogo, para esta compreensão?

Tendo em vista a preconização de Bowen nesta temática, a doença terminal, na maioria das vezes, fecha ainda mais o sistema relacional familiar, havendo neste sentido, dois processos de operação: o processo intrapsíquico no Self (envolvendo sempre alguma negação relativamente à morte) e o sistema fechado de relacionamento (os membros do sistema têm dificuldade em exprimir as suas emoções, uma vez que temem desagradar a família) (Bowen, M. 1979: 157 / 158). Neste sentido, o olhar implorante do pai do narrador não revelará a existência de um sistema fechado de relacionamento? Aceitando esta hipótese, este comportamento não poderá levar à repetição deste padrão de reacção (por parte dos restantes membros do sistema), tendo em conta “a posição hierárquica” em que o pai se situa?

Assim, considerando as questões anteriormente referidas, Bowen (1979) diz-nos que em torno de um doente terminal existem, no mínimo, três sistemas fechados em operação, sendo que o primeiro opera com o paciente, o segundo com a família e o terceiro com o médico e as notícias

acerca da doença.

Desta feita, segundo o autor, (1979) o paciente durante o período de doença terminal apercebe-se da eminência da sua morte, ainda que grande parte dos seus sentimentos não são revelados a ninguém. No que concerne ao segundo sistema fechado em operação (a família), esta reinterpreta toda a informação fornecida pelo médico de acordo com as suas expectativas, medos e de forma a minimizar a ansiedade do doente.

Mas, talvez no terceiro elemento esteja o detalhe mais interessante desta teoria.

Assim, no contexto hospital, quando a família e/ou médicos pensam que o paciente está a dormir, com frequência este está atento às comunicações sussurradas. Contudo, no comportamento do médico também existe um sistema fechado em operação, sendo este altamente influenciado pelas reacções à família e no seio da equipa. Neste sentido, “quanto mais intensa for a reacção do médico, mais ele tenderá a usar um chavão profissional que a família não vai escutar, ou a tornar-se muito simplista nos seus esforços para se comunicar em linguagem leiga.” (Bowen, M. 1979 :158/159)

Todavia, “os problemas ocorrem quando o sistema fechado de comunicação da medicina se enfrenta com o sistema fechado entre o paciente e a família, e a ansiedade aumenta devido à ameaça da doença terminal” (Bowen, M. 1979: 159). Neste âmbito, partilha o narrador, “o quarto ficava com a doença e não a fechava, estendia-a por toda a casa e tudo o que se poderia tocar. Do quarto, o cheiro escuro podre da doença. O cheiro que ainda hoje senti abandonado só.” (Peixoto, J. 2004: 25)

Daqui surge uma nova questão: sendo a doença terminal um período de quase preparação, por parte da família, para a perda, haverá diferenças entre uma morte repentina/ prolongada no que concerne à elaboração do luto?

De acordo com Froma Walsh (1991), a doença prolongada é especialmente stressante para as famílias, isto porque se por um lado os recursos financeiros e os prestadores de cuidados poderão esgotar-se, por outro, as necessidades dos outros membros da família são muitas vezes, nestas circunstâncias, esquecidas. Daí que no momento da morte, a família poderá experimentar uma sensação de alívio, tendo em conta o fim do sofrimento da pessoa falecida, mesmo que este seja simultaneamente um sentimento carregado de culpa.

Segundo o mesmo autor (1991), estes sentimentos estão intimamente relacionados com a ética, os valores, a religião vigentes na família, com a ideia subjacente de sistema aberto/ fechado. Neste sentido, de acordo com Froma Walsh (1991), o terapeuta deverá ajudar a família a “abrir-se”, alertando-a para a importância do diálogo sobre a morte, os seus rituais, significados, etc.

Desta feita, sustenta esta autora que a comunicação aberta facilita a recuperação perante a perda, sendo em si uma tarefa adaptativa; por inerência, quando a comunicação é bloqueada, é

provável que o indizível se demonstre sob sintomas disfuncionais. Não será a confusão entre a identidade do narrador e a do seu pai, a sua vontade em prolongar a presença do seu progenitor através da sua própria conduta, uma consequência da comunicação bloqueada no período de doença?

Pensamos que sim, tendo em vista que Froma Walsh (1991) continua afirmando que a indiferenciação “pode complicar a adaptação à perda. Em um extremo, as famílias indiferenciadas podem exigir uma frente unida e considerar ameaçadoras e desleais quaisquer diferenças individuais, que devem então ser ocultadas ou distorcidas.” (Walsh,1991: 42)

Por outro lado, “a perda de um líder ou cuidador será sentida dolorosamente”, sendo que “as famílias correm o risco de disfunção (...) se tentam evitar a dor da perda ou negando a significação de um membro importante da família ou substituindo-o instantaneamente”. (Walsh,1991:43) Relacionando com a obra *Morreste-me*, e tendo em vista o facto do narrador afirmar que continuará a obra do pai e fazendo novamente alusão à ideia do mito familiar (relativamente às tarefas relacionais do filho mais velho), poderemos então concluir que a figura do pai foi, de algum modo, substituída pela do filho mais velho? Para validar esta hipótese, atentemos à seguinte passagem do livro: “descansa, pai, dorme pequenino, que levo o teu nome e as tuas certezas e os teus sonhos no espaço dos meus.” (Peixoto, J. 2004 : 37)

Daqui se depreende uma grande indiferenciação perante o seu pai e, conseqüentemente, o abandono dos seus projectos de vida, em prol da obra que o pai começou.

Neste contexto, Froma Walsh (1991) diz-nos que embora o sofrimento provocado pela morte dos pais no jovem adulto seja altamente subestimada pelas redes sociais, esta perda pode ser vivenciada de forma bastante dolorosa para o filho, especialmente se este viver longe da família de origem e tiver outros compromissos a nível social. Assim, esta aparente distância pode levar o jovem a sentir-se dividido entre os seus novos planos ao nível futuro e os seus deveres filiais (Walsh,1991). Sobre este aspecto afirma Froma Walsh (1991) que esta obrigação está ainda mais presente quando se trata do filho primogénito, assim “o filho mais velho pode ser solicitado a se tornar o chefe de família, com a morte do pai (...) quando estas responsabilidades se tornam muito prolongadas, o movimento evolutivo do ciclo de vida pode ficar bloqueado para o jovem adulto.” (Walsh, 1991: 60)

Logo, no que concerne ao ciclo de vida da família, para Froma Walsh após uma perda significativa poder-se-ão agrupar cinco elementos fundamentais: “as perdas prematuras, o aparecimento de sintomas coincidentes com a perda, a coincidência de múltiplas perdas ou de uma perda com outras mudanças grandes no ciclo de vida, perdas traumáticas e o luto não resolvido.” (Walsh, 1991 : 77)

Assim, relacionando com a obra *Morreste-me*, o terceiro elemento descrito por Froma Walsh será o mais significativo, uma vez que a morte do pai comporta grandes mudanças na família no que concerne às tarefas e papeis que cada membro passa a desempenhar,

especialmente no período desenvolvimental em que se deu a perda, como já vem a ser referido ao longo da nossa exposição.

Contudo, ainda no se refere à morte e posteriormente à elaboração do luto, pensamos importante destacar um aspecto: a importância dos rituais para a consolidação da perda por parte dos familiares, sendo que de seguida passaremos às pistas de intervenção nesta temática.

Portanto, a pertinência dos rituais está, mais uma vez, interligada com a relevância dos sistemas abertos. Froma Walsh (1991) diz-nos que a participação de todo o núcleo familiar em conjunto, nesses rituais, pode ajudar na integração da perda e, por inerência, o facto de “tolerar as diferenças na reacção à morte, incluindo os inevitáveis sentimentos ambivalentes em relação ao morto, é essencial.” (Walsh, 1991:34)

De acordo com a mesma autora (1991), nos sistemas fechados há com frequência uma demanda interiorizada no se refere à forma como se deve vivenciar o luto. Por conseguinte, quando nesta reacção perante a perda está presente a contenção das emoções, a elaboração do luto pode ser adiada, ou até mesmo evitada. A longo prazo, os membros da família que tiveram este comportamento, podem ficar aprisionados à pessoa falecida até fazerem o luto.

Sobre este ponto, Froma Walsh (1991) refere que o processo de luto poderá durar vários anos, sendo as datas marcantes períodos em que a dor retorna, quase como se o dia da morte se repetisse. Porém, se com o passar do tempo a família reajusta-se ao nível dos papéis e começa a sentir que aquela perda foi superada, por outro lado o autor afirma também que o luto nunca termina totalmente.

Ora, tendo em conta o prolongamento do luto ao longo do ciclo de vida da família, torna-se importante realçar a pertinência da avaliação da possibilidade de suicídio ou de comportamentos de risco quando o filho alcança a mesma idade que o seu pai tinha quando faleceu, principalmente quando progenitor e filho são do mesmo sexo (Walsh, F. 1991). Aqui está bem patente a ideia de continuidade intergeracional, isto é, até que ponto é que o filho pode repetir o modelo do pai. Em que medida o facto de serem do mesmo sexo influencia este processo?

Desta feita, após a colocação destas questões, parece-nos crucial a abordagem às técnicas de intervenção neste contexto.

No se refere ao acompanhamento psicológico, nas situações de luto pensamos que o primeiro elemento a questionar será a presença do luto patológico. Para Bromberg (2000), a descrição do luto patológico nas suas diferentes vertentes torna-se insuficiente para a identificação dos factores preditivos relativamente à vulnerabilidade à doença. Deste modo, torna-se essencial a identificação destes factores durante o período de enlutamento (na fase de doença do ente querido), sendo estes cruciais para a vivência de forma benéfica ou não do luto por parte do nosso cliente. (Bromberg, 2000)

Assim, segundo Parkes e Weiss (Parkes & Weiss (1983) cit in Bromberg :43), existem três

causas para o luto patológico:

- a) “Síndrome da perda inesperada”: este tipo de luto patológico envolve a morte prematura e/ou repentina, sendo os comportamentos mais frequentes a descrença, o choque e um alto nível de ansiedade. Porém esta síndrome ganha apenas contornos quando a pessoa tem sensações relacionadas com a presença do morto, com a auto-recriminação e com deveres persistentes em relação à pessoa falecida.

- b) “Síndrome do luto ambivalente”: estes casos ocorrem no seio de relações marcadas pela ambivalência e/ou discórdia. No momento da morte são naturais as sensações de alívio e pouca ansiedade; no entanto, após algum tempo a pessoa poder-se-á sentir desesperada, sem qualquer crença em relação a outro vínculo, e, atormentada pelos seus sentimentos de punição, desejará corrigir o passado.

- c) “Síndrome do luto crónico”: este tipo de luto é usual nas relações de dependência, não sendo necessariamente o elemento sobrevivente o mais dependente. Assim, nesta síndrome, a pessoa expressa o seu luto logo após a morte, embora repita estes comportamentos durante um tempo excessivo, sendo a desesperança o sentimento central neste tipo de vivência do luto.

Posto isto, relacionando os elementos anteriormente referidos com a obra *Morreste-me*, pensamos que, muito provavelmente, o narrador poderá ter sofrido de síndrome do luto ambivalente. Neste sentido, esta hipótese parece-nos evidente tendo em consideração o facto da relação pai-filho ser extremamente ambivalente devido à presença de um sistema fechado, e, por outro lado, hipotizamos que a doença prolongada do pai poderia ter como consequência uma sensação de alívio no momento da morte. Este sentimento, que já foi mencionado na secção relativa à doença, é também um dos elementos presentes na síndrome do luto ambivalente.

Mas, tendo em conta que neste tipo de vivência do luto as pessoas frequentemente deixam de ter qualquer esperança em relação a outro vínculo, até que ponto poderá uma relação matrimonial do narrador estar comprometida por esta síndrome?

Após esta breve introdução, passaremos ao início da intervenção. Assim sendo, de acordo com Bromberg (2000), a *necessidade de cuidado* será o primeiro passo da intervenção, sendo aconselhável a avaliação dos factores de risco (como a insegurança ou a existência de perdas múltiplas), favorecendo encontros com todo o núcleo familiar. Desta forma, conseguiremos

perceber as diferenças existentes no seio familiar quanto aos sentimentos de perda, e ultrapassaremos a insuficiência da intervenção apenas ao nível individual. Torna-se, portanto, fundamental citar os elementos que o terapeuta deverá ter em atenção (Parkes & Weiss (1983) cit in Bromberg :73/ 74):

- 1) “o nível de funcionamento em comparação com o nível de pré-enlutamento;
- 2) movimentos na direcção de problemas extraordinários;
- 3) aceitação da perda (...);
- 4) socialização (...);
- 5) atitude quanto ao futuro (...);
- 6) saúde (...);
- 7) ansiedade ou depressão (...);
- 8) culpa ou raiva (...);
- 9) avaliação de si (...);
- 10) resistência (...).”

Posteriormente à avaliação dos elementos atrás referidos, passaremos à escolha do tipo de intervenção, ou seja, o terapeuta deverá decidir se a abordagem deverá ser realizada ao nível individual ou familiar.

No contexto do luto patológico, a intervenção ao nível psicológico poderá assumir duas vertentes: a individual e a familiar.

Assim, no que concerne à terapia individual, para a maioria dos autores (Bromberg, 2000), o processo de intervenção deverá ser breve. Segundo Budman e Gurman (Budman, Gurman, 1998, cit in Bromberg 2000 : 87) “o objectivo total do terapeuta em situações de perda é ajudar o paciente a fazer a transposição de ser vítima para ser sobrevivente”, sendo que o terapeuta deverá ter em consideração os seguintes elementos:

- a) Especificação e nomeação da morte pertinente, procurando a exploração do seu significado e a percepção da perda por parte de outras de outras pessoas, para além do paciente;
- b) Fornecimento de informação acerca do processo “normal” de vivência de luto, nestas circunstâncias;
- c) “Dirigir a perda para o contexto social”, isto é, quando a perda é experimentada de forma dolorosa por várias pessoas do mesmo meio relacional, todos devem ser vistos

como um todo e não exclusivamente o paciente. (Budman, Gurman, 1998, cit in Bromberg 2000 : 87).

Desta feita, de acordo com Gerber (Gerber, 1979 cit in Bromberg 2000 : 86), os métodos utilizados no âmbito da terapia individual nas situações de luto, são:

- a) Criar espaço para a verbalização dos sentimentos relacionados com a dor, a tristeza, a perda e a culpa (fazendo uma revisão do relacionamento entre o enlutado e o falecido);
- b) Agendar actividades para o paciente, trazendo para esta programação familiares e amigos;
- c) Ajudar o paciente nas situações relacionadas com a família, problemas legais, etc;
- d) Criar interdisciplinaridade com a restante equipa médica no que concerne à medicação prescrita;
- e) Ajudar o paciente, oferecendo assistência no que concerne aos planos futuros.

Não obstante, na perspectiva de Volkan (Volkan, 1971 cit in Bromberg 2000 : 84) durante a terapia a pessoa passará por três fases: “a demarcação”, na qual será trabalhada a distinção entre o que pertence ao enlutado e ao falecido; a segunda etapa será marcada pela “ externalização”, na qual o paciente experimentará sentimentos de raiva perante a morte e posteriormente perante o morto, sendo normal a desorganização neste período; finalmente, haverá tempo para a “reorganização”, sendo que nesta fase o paciente se sente realmente triste, vive o luto, mas também começa a delinear projectos futuros, sendo por isso a etapa final da terapia.

Assim, pensamos ter delineado, ainda que de uma forma genérica, os traços da terapia individual nas situações de luto e perda, havendo por isso neste âmbito espaço para uma abordagem centrada na terapia familiar.

Sendo assim, a terapia familiar no que a esta temática diz respeito foi durante muito tempo negligenciada, sendo apenas mencionada sob o ponto de vista da relação diádica existente entre o paciente e a pessoa que faleceu. (Bromberg, 2000)

Todavia, a experiência clínica demonstra que quando ocorre uma perda no seio da família existirão inevitavelmente alterações no sistema e, em alguns casos, este pode necessitar de ajuda terapêutica para superar a ausência do ente falecido, assim como para a facilitação ao nível adaptativo após a perda (Bromberg, 2000), sendo por isso imprescindível um olhar relacional neste contexto. Neste sentido, de acordo com McGoldrick (McGoldrick 1991 cit in Bromberg, 2000:91), durante o acompanhamento terapêutico à família deverão ser “traçados padrões de adaptação à morte como parte de uma rotina de avaliação do funcionamento familiar.” Assim, a autora realça que serão úteis instrumentos de avaliação como o genograma trigeracional ou o

traçado de uma linha de tempo.

Os objectivos aos quais esta autora se propõe ao nível da terapia familiar no contexto de perda e luto serão:

- a) “obter e compartilhar o reconhecimento da realidade da morte;
- b) compartilhar a experiência da perda e colocá-la em seu contexto;
- c) reorganizar o sistema familiar;
- d) reinvestir em outros relacionamentos e objectivos de vida”. (McGoldrick 1991 *cit in* Bromberg, 2000:91)

Sendo que para a sua concretização, McGoldrick, apresenta as seguintes técnicas:

- a) fazer visitas ao cemitério;
- b) escrever cartas ao morto ou aos vivos, a respeito do morto;
- c) olhar antigas fotografias, emoldurar algumas para ter em casa ou fazer um álbum;
- d) ler diários ou cartas decidindo o que se quer manter, o que se quer presentear como lembrança e o que se quer deitar fora;
- e) escrever diário com sonhos, memórias e reflexões;
- f) conversar com parentes sobre a perda;
- g) assistir a filmes, ler livros relacionados a situações de perda;
- h) ouvir música, incluindo a preferida do morto e da família. (McGoldrick 1991 *cit in* Bromberg, 2000:91/92)

Embora estas estratégias pareçam, num primeiro olhar, bastante dolorosas e sob a pena de aumentar o sofrimento da família perante a perda, a nosso ver, poderão estimular a abertura do sistema e, por inerência, melhorar a qualidade relacional entre os seus membros. Sendo esta uma fase de dor perante uma ausência eterna, não será uma excelente proposta no sentido de diversificar as relações inter-pessoais? Para além disso, sob o nosso ponto de vista, esta teoria visará uma melhor integração do vivido, do passado e uma alternativa para o esquecimento e negação da morte como forma de vivência do luto.

Assim, como solução para as situações em que tal acontece - a negação -, a autora defende uma abordagem ainda mais profunda e alicerçada pelos seguintes elementos:

- a) “ Re-ritualizar a perda, com uma cerimónia, não importando quantos anos tenham decorrido sobre a morte;
- b) Revisar histórias dentro da história familiar, para nela incluir a experiência da perda e incorporar aspectos escondidos ou negados do morto;
- c) Revisar os relacionamentos actuais diante do novo significado agora dado à história. (McGoldrick 1991 cit in Bromberg, 2000:92)

Deste modo, pensamos que ficou esclarecida a ideia na qual, para os modelos da terapia familiar nas situações de perda e luto, os elementos mais importantes a realçar serão o reconhecimento da perda e a adaptação à nova realidade.(Bromberg, 2000)

Gostaríamos de colocar término nesta secção deixando uma última pista de intervenção nas situações em que o luto não foi vivido a seu tempo, sendo que esta estratégia é passível ser aplicada tanto no contexto individual como familiar.

Assim, a terapia a que Froma Walsh (1991) nos convida a conhecer dá-se pelo nome de “ luto operacional”. Esta estratégia parte da ideia de que nunca será tarde para vivenciar o luto. Neste sentido, esta forma de intervenção consiste em experiências de “uma resposta de luto induzida pelo questionamento directo sobre as reacções a perdas reais sofridas por membros específicos da família.” (Walsh, F. 1991: 121)

Neste caso, a função do terapeuta será estimular a verbalização dos sentimentos do chamado “paciente designado”, enquanto que os restantes membros da família presentes na terapia serão convidados a revisitar estas emoções de acordo com a observação da reacção ao luto. (Froma Walsh, 1991)

Este tipo de terapia poderá facilitar a “capacidade de partilhar experiências afectivas entre si. Isto aumenta a sua familiaridade com a experiência de luto e seus derivados. Ao mesmo tempo, eles são estimulados pelo terapeuta a reagir empaticamente aos afectos revelados pelos outros. Este processo contribui para o desenvolvimento de um ego observador em cada membro da família”. (Walsh, F. 1991: 121)

Mais uma vez, pensamos que ficou bem clara a alusão à relevância da diferenciação de cada membro da família para a harmonia e equilíbrio do sistema. Contudo, consideramos também que este modelo poderá ser uma preciosa pista de intervenção, na medida em que dá mais espaço ao poder empático e à criatividade do terapeuta, já que não possui passos estruturados, ao invés das teorias atrás mencionadas.

Tendo em vista que este trabalho de investigação surge a partir de uma obra literária, a criatividade terá para nós um lugar de destaque seja no contexto da terapia, seja através da sua dimensão catártica. Partiremos então para a última secção, sendo esta dedicada ao papel da catarse no meio artístico, formulada deste modo: será a arte uma forma de apaziguar a nossa dor?

O poder catártico da arte

Sendo esta a última secção deste trabalho de investigação, teremos como objectivo primordial a real simbiose entre a psicologia e a arte, após a exposição e explicação dos fenómenos descritos na obra literária.

Assim, é nosso propósito esmiuçar quatro elementos, a saber:

- a) A arte como catarse;
- b) o carácter terapêutico da catarse;
- c) a metáfora literária como técnica de intervenção;
- d) a técnica da escultura na família.

De acordo com o pensamento aristotélico (Aristóteles cit in Freire, 1982), a música terá diversas funcionalidades tais como: a educação, a catarse, a diversão, o esparecimento e a libertação da tensão. Tendo em vista que a música e a literatura são partes integrantes do universo artístico, poderemos então afirmar que os benefícios atrás referidos relativos à música serão semelhantes na literatura?

Pressupondo que a nossa hipótese está correcta, então será que a escrita, o processo artístico terão um poder catártico sobre o seu autor?

Passemos à análise de Freire sobre a catarse em Aristóteles. Assim, segundo o autor (Freire, 1982 : 125) “ a paixão, que certas almas sentem veementemente, existe em todos. Mas nuns mais do que noutros: por exemplo, a compaixão e o temor e, também, o entusiasmo. Pois também deste movimento se sentem possuídos alguns; e vemos que estes, em virtudes dos cantos sagrados, quando usam as melodias que põem a alma fora de si, se acalmam como se tivessem tomado um medicamento ou um purgante.”

Com esta afirmação, pensamos que ficou bem patente a ideia de poder catártico na arte, isto é, o encontro com a arte poderá suscitar sentimentos como a compaixão ou o temor por um lado, mas também serão susceptíveis sensações de alívio, tranquilidade, como se de um purgante se tratasse. Então, relacionando com a obra *Morreste-me*, tendo em conta que o sistema relacional apreendido pelo narrador se caracterizava como fechado, não dando oportunidade à abertura, à partilha de sentimentos, poderemos hipotizar que a literatura se revelava como um momento catártico? Por outras palavras, seria a escrita a única forma de libertação, tendo assim um sentido catártico por inerência na vida do narrador?

Com efeito, como já referimos ao longo da nossa exposição, a existência de um sistema fechado poderá levar a maiores índices de ansiedade no seio do sistema relacional, daí que este traço emocional – ansiedade- pudesse alterar o poder catártico da arte. Contudo, segundo o autor,

“todos os seres humanos serão tocados pelo poder da arte, assim: “o mesmo efeito se produzirá (...) nos compassivos e temerosos e nos dominados por qualquer paixão, bem como os demais, na medida em que cada um seja susceptível de semelhantes paixões: todos experimentarão certa purgação e sentirão alívio juntamente com prazer.” (Freire, 1982 : 126)

Ora, tendo em vista o facto de que o poder catártico da arte ser transversal a todos os seres humanos, mesmo que de formas distintas, o seu carácter terapêutico será incontestável.

Daí a relevância do segundo item desta secção. Com efeito, a própria designação de catarse em Aristóteles tem em si um cariz terapêutico, como poderemos confirmar na seguinte citação: “ para fazer compreender o que entende por catarse, Aristóteles apela para um facto que era familiar aos seus leitores. Todos conheciam o efeito produzido pelas melodias (...). Estes cantos produziam um êxtase religioso, e era por isso que exerciam uma influência benéfica sobre as pessoas sujeitas a transportes extáticos; tais pessoas sentiam-se curadas como que por tratamento médico, um purgante. Este efeito é tanto mais poderoso, quanto mais sujeitas ao êxtase as pessoas são.” (Freire, 1982: 128)

Desta feita, segundo Aristóteles, o carácter terapêutico da catarse faz sentido, na medida em que através da música, o ânimo dos seus ouvintes será tocado como se estivesse sob o efeito dum medicamento.

Para além disso, segundo o mesmo autor, assim como o medicamento levará ao bem-estar, à purificação, ao alívio de sintomas e de intoxicações, a arte (e neste caso a música) terá os mesmos resultados. (Freire, 1982)

Assim, se a arte poderá ter efeitos terapêuticos tão benéficos para o ser humano, porque não adoptá-la como uma técnica de intervenção, no contexto psicológico?

Desta premissa surgem os dois últimos pontos desta secção, nomeadamente a aplicação da metáfora literária e da escultura no contexto terapêutico psicológico.

Com efeito, segundo Andolfi, “ A metáfora parece derivar de nossa necessidade de interromper o fluxo contínuo da realidade a fim de dominá-la, de recapturar o que perdemos de nossa experiência quotidiana por meio de alguma coisa que se assemelhe a ela. Mesmo o sintoma apresentado por um paciente ou por uma família pode tornar-se uma metáfora de um problema de relação, uma tentativa de conciliar necessidades contraditórias por meio de um símbolo capaz de reflectir significados múltiplos.” (Andolfi, 1989: 86) Daqui se depreende a importância do uso da metáfora no contexto terapêutico, sendo que o seu significado estará interligado com o contexto e com as imagens que a pessoa ou família adquiriram sobre aquela circunstância, embora com o tempo o símbolo poderá mostrar-se de uma forma generalizada. (Andolfi, 1989) Neste sentido, o terapeuta, quando se alicerça pelo uso da metáfora, terá que ter em consideração todas estas variáveis, para assim conseguir desmistificar algumas construções ou até alcançar a abertura do sistema.

Assim, a metáfora poderá também possuir um efeito benéfico ao nível da terapia, se for utilizada no âmbito literário. Neste sentido, o uso de histórias das grandes obras literárias, poderá suscitar na família uma certa distância, relativamente ao acontecimento ou dor sentidas. (Andolfi, 1989) Esta diferenciação poderá ser crucial para a interpretação dos fenómenos, para a mudança, sendo que esta muitas vezes só é conseguida através desta confrontação entre a vivência na primeira pessoa e a sua reconstrução no mundo do fantástico.

Por outro lado, acrescenta Andolfi que “ a imagem usada define não apenas o membro identificado como também as relações e interações que ele tem com os outros, todas ocorrendo numa atmosfera irreal.” (Andolfi, 1989: 89)

Ora, a metáfora pode ser utilizada de diversas formas:

a) Através do contexto, sendo possível o terapeuta pegar num pequeno detalhe da conversa, metaforizando-o; constituindo a metáfora;

b) sendo um objecto de criação do terapeuta, uma vez que a metáfora é sempre uma imagem da realidade, o terapeuta poderá utilizar um objecto pertencente à família para simbolizar algo;

c) como elemento de dramatização, através da utilização de bonecos indicando a presença de determinada pessoa ou passando o objecto de mão em mão adquirindo esta acção um valor simbólico; (Andolfi, 1989)

d) como invenção da família, utilizando objectos trazidos pela família, como um porta-chaves, por exemplo. (Andolfi, 1989)

Todavia, no que concerne ao uso da arte na intervenção psicológica, nomeamos ainda outra técnica, a escultura.

Assim, este tipo de intervenção “permite (à família) a expressão de ideias e de emoções através da utilização do corpo e do movimento.” (Andolfi,1980 : 125) Neste sentido, a palavra tem aqui um papel secundário, (permitindo a ultrapassagem do sentido redutor das verbalizações) sendo que a representação das emoções é construída tendo em vista o trinómio do espaço, tempo e energia experimentado simultaneamente.

(Andolfi, 1980) No fundo, o que se pretende com a escultura é a demonstração ao nível visual de acontecimentos/ sentimentos dum dado momento histórico, sendo este muitas vezes altamente dramático, criando uma interacção entre todos os membros do sistema. (Andolfi,1980)

Neste contexto, a técnica da escultura é produzida a partir do pedido do terapeuta para que a família se organize em torno duma distância versus proximidade entre os actores; representando as suas vivências no seio do sistema, através de expressões faciais e mímica, permitindo desta forma que os sentimentos sejam simbolizados por uma imagem visual. (Andolfi, 1980)

Desta feita, a utilização da escultura possui inúmeras vantagens, tais como:

- a) “ A possibilidade de evitar racionalizações, resistências e rótulos;
- b) as famílias ficam privadas dos seus canais verbais mais significativos (...) o que dá aos participantes uma oportunidade de comunicarem emoções uns aos outros, a todos os níveis;
- c) o efeito coesivo que ela provoca na família;
- d) (a escultura favorece também a oportunidade do indivíduo) representar-se a si próprio, ou ser representado como parte de um sistema” (Andolfi 1980: 129) ajudando no processo de individuação.

Interligando com a obra *Morreste-me*, talvez a escultura pudesse constituir uma grande ajuda para os membros do sistema relacional em questão, adquirirem uma maior autonomia, um nível mais levado de diferenciação perante a família de origem, favorecendo a abertura do sistema.

Assim, pensamos que ficou explícito o facto de que, a arte se por um lado constitui um elemento catártico, e nesse sentido, terapêutico, por outro poderá criar diversas simbioses com a ciência, nomeadamente com a psicologia.

Contudo, do nosso ponto de vista ainda há muito terreno a desbravar neste âmbito, uma vez que a procura incessante pelas ciências exactas e objectivas deixam estas perspectivas relacionais e maioritariamente preocupadas com a profundidade humana, em segundo plano, e muitas vezes, relacionadas apenas com a filosofia, não havendo espaço para a interdisciplinaridade.

CONCLUSÃO

Em jeito de conclusão, pensamos que a reinterpretção da obra *Morreste-me*, constituiu um excelente pretexto para a confirmação de que a simbiose entre a arte e a psicologia, para além de ser possível, é essencial para a real interpretação da pessoa. Neste sentido, com esta exposição tentamos defender a relevância do tipo de diferenciação existente no sistema familiar para a construção da identidade, sendo que esta afirmação nega totalmente a ideia de que o sintoma

deve ser visto no agora, desvalorizando a importância das dinâmicas relacionais ao nível familiar, neste contexto.

Assim, pensamos que a pessoa deverá ser compreendida na sua totalidade, integrando-a no seu sistema e tendo sempre em consideração as simbolizações, os mitos e significados que “pequenos” pormenores nos podem fornecer.

Daí que, sob o nosso ponto de vista, a interdisciplinaridade, o sentido eclético entre a psicologia, a filosofia e outras ciências preocupadas com a compreensão da pessoa são imprescindíveis, sendo para nós impensável o entendimento do ser humano, tendo apenas como premissas os factores neurológicos e cognitivos.

Desta feita, com a nossa exposição tentamos exprimir a presença de uma continuidade de normas, pensamentos, formas de reacção, isto é, dinâmicas relacionais, que estarão presentes anteriormente à nossa existência e se perpetuarão num sentido intergeracional. Com efeito, para nós a forma como vivemos determinados acontecimentos, como a morte de um familiar, está altamente interligada com estes padrões relacionais, sendo por isso indispensável a sua interpretação a um nível grupal, desvanecendo, neste sentido, a ideia de que só o paciente designado é que necessita de intervenção.

Concluindo, com este trabalho de investigação tentamos reafirmar a importância da terapia familiar relacional e a preponderância da compreensão da pessoa integrada no seu sistema. Por outro lado, foi também nosso propósito, demonstrar a relevância da intervenção baseada em princípios artísticos e, fundamentalmente, o entendimento do ser humano numa forma profunda, que muitas vezes poderá ser confundida com subjectividade e demasia inferencial, contudo para nós, será sempre redutora a percepção da pessoa apenas de acordo com os processos psicológicos a esta adjacentes.

BIBLIOGRAFIA:

Andolfi, M.(1980) *A terapia familiar*, Editorial Veja. Lisboa

Andolfi, M. (1988) “El ciclo de vida: la familia como sistema que se modifica en el tiempo”, in *Manual de psicologia relacional*, Academia di Psicoterapia della Famiglia, Roma, pp 45-77

Andolfi, M. Ângelo, C.; Menghi, P.& Corigliano, A.(1989) *Por detrás da máscara familiar*, 2ª edição, Artes Médicas, Porto Alegre

Andolfi, M. (2001) *Il padre ritrovato*, Franco Angeli, Milão

Andolfi, M. (2003) *El coloquio relacional*, Ediciones Paidós, Barcelona

Aristóteles (1965) *A política*, Editorial Presença, Lisboa

Aristóteles (1970) *A poética*. 2ª edição, Ediciones de la Biblioteca de la Universidad central de Venezuela, Venezuela

Bowen, M. (1991) *De la familia al individuo*, Ediciones Paidós Ibérica, Barcelona

Bowlby, J. (1989). *Una base sicura*, Raffaello Cortina, Milão

Bowlby, J. (1993) *The making & breaking of affectional bonds*, 5ª edição, Routledge, Londres

Bromberg, M (2000) *A psicoterapia em situações de perdas e lutos*, Editora Livro Pleno, Brasil

Dufrenne, M. (1981) *Estética e filosofia*, 2ª edição, Editora Perspectiva, Brasil

Freire, A (1982) *A catarse em Aristóteles*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga

Levinas, E.(1988) *Totalidade e infinito*, Trad. José Pinto Ribeiro. Edições 70, Lisboa

Peixoto, J.(2004) *Morreste-me*, 6ª edição, temas e debates, Lisboa

Peixoto, J. (2002) *Criança em Ruínas*, 3ª edição, quasi, Lisboa

Prieto, X. (2002) *Para ser persona*, Sinergia, Madrid

Raguso, F.(2005). O expressivismo e a função da linguagem in *O desafio do multiculturalismo: entre a identidade e o reconhecimento*. Universidade do Minho, Braga. Pp 128-148

Raguso, F (no prelo). *Uma antropologia alternativa da modernidade: C. Taylor e a Psicanálise relacional*

Walsh, F., Mcgoldrich, M. (1998) *Morte na família: Sobrevivendo às perdas*, Artmed, Porto Alegre